

O SANTO E A PORCA

Ariano Suassuna



Sobre o autor: Em 16 de junho de 1927, filho de Cássia e João Suassuna, nascia Ariano Vilar Suassuna, em Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa, capital da Paraíba. No ano seguinte, seu pai deixa o governo e a família passa a morar no sertão, na fazenda Acauhan, experiência que serviria para, anos depois, iniciar o jovem no mundo interiorano que serviria de cenário para toda a sua obra. Depois do assassinato de seu pai por motivos políticos no Rio de Janeiro, sua família mudou-se para Taperoá, onde morou de 1933 a 1937. Nessa cidade, Ariano fez seus primeiros estudos e assistiu pela primeira vez a uma peça de mamulengos e a um desafio de viola, cujo caráter de “improvisação” seria uma das marcas registradas também da sua produção teatral, desse modo, mais aspectos da cultura nordestina seriam incutidos em sua formação. Em 1942, passou a viver em Recife, onde terminou em 1945, os estudos secundários no Ginásio Pernambucano e no Colégio Osvaldo Cruz. No ano seguinte, iniciou a faculdade de Direito onde conheceu Hermílio Borba Filho e junto com ele fundou o Teatro do Estudante de Pernambuco. Uma mulher vestida de sol, sua primeira peça, escrita em 1947, no ano seguinte a peça Cantam as Harpas de Sião ou Desertor da Princesa, foi montada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco. Em 1950, forma-se na Faculdade de Direito, mesmo ano em que recebe o Prêmio Martins Pena pelo Auto de João da Cruz. Para se curar de uma doença pulmonar, viu-se obrigado a se mudar novamente para Taperoá, onde escreve e monta a peça Torturas de um coração. Em 1956, volta para Recife se dedica à advocacia e continua a escrever peças: O castigo da soberba (1953), O rico avarento (1954) e o Auto da Compadecida (1955). Em 1957, abandona a advocacia e se torna professor de Estética na Universidade Federal de Pernambuco, escreve em 1957 a peça O Casamento suspeito e O santo e a porca. Suas comédias são de gosto popular, fortemente influenciadas pelo teatro grego, o teatro ibérico do século XVI e pela Comédia Del’Arte, mesclando influências da cultura nordestina, como as parlendas, o cordel e o repentismo.

Intertextualidade

Na elaboração de O Santo e a Porca, Ariano Suassuna foi diretamente influenciado pela peça Aulularia, de Plauto, autor romano com influências gregas. Como Suassuna mesmo chegou a afirmar várias vezes, essa não é uma peça original, afinal, muito dela se origina em variações (relidas num contexto nordestino) da trama de Plauto. Em Aulularia, o protagonista é “Euclião” (daí

a escolha do nome Eurico, ou Euricão), que encontra uma panela de ouro deixada por seu avô. ‘Esse achado’ aliado ao casamento de sua filha com um velho rico, origina o mote central de um texto ágil cheio de encontros, desencontros e ambiguidades.

Suassuna adaptou o texto de Plauto, mas desenvolveu uma releitura dentro do contexto nordestino da literatura de cordel e criou uma trama mais complicada.

Essa intertextualidade com a peça de Plauto não se resume apenas a uma releitura adaptativa dos personagens. O próprio cenário da obra remete diretamente à peça do dramaturgo latino, exemplos: Casa de Euricão/ Templo de Santo Antônio = Templo de Bona Fides Festa de São João = Festa de Ceres Cemitério = Bosque de Silvano Hotel de Dadá= Mercado (Fórum).

O santo e a Porca

O Santo e a Porca é uma peça teatral, do gênero comédia, escrita pelo escritor Ariano Suassuna em 1957, abordando o tema da avareza. É uma comédia em três atos. Aproxima-se da literatura de cordel e dos folguedos populares do Nordeste. Na trama, Suassuna narra a história de um velho avarento conhecido por Euricão Árabe. Ele é devoto de Santo Antônio e esconde em sua casa uma porca cheia de dinheiro. Muito divertida, a história mistura o religioso e o profano.

Apesar de engraçado, o texto tem um fundo filosófico, o que não pode passar despercebido. O texto não se sustenta só com o riso, mas sobretudo pela visão crítica. Suassuna utiliza uma trama muito simples para tratar de algo mais complexo, como a relação do mundo material com o espiritual. O leitor deve perceber que o comportamento de Euricão lembra muito os conflitos barrocos de ordem religiosa. No entanto, esse conflito, inerente ao ser humano, chama atenção pelo fato de o personagem não desfrutar de sua riqueza.

Existe uma semelhança da personagem Caroba com Chicó, da obra *O Auto da Compadecida*. São dois miseráveis que vivem na astúcia, na inteligência e nas ‘manobras’ uma poderosa artimanha de sobrevivência. Deve-se atentar também para a busca da resposta de Euricão para a pergunta que faz ao constatar que o dinheiro que sempre guardou não vale mais nada: – *Um golpe do acaso abriu meus olhos (...). Que quer dizer isso, Santo Antônio? Será que só você tem a resposta?*. Ou seja, ou ele evolui e percebe que o dinheiro serve apenas como um ‘meio’ e não um ‘fim’, ou então regredirá mais ainda e jamais entenderá o que aconteceu, vivendo eternamente uma ilusão. Esse é o momento em que ele terá que escolher entre o discernimento e a loucura; entre o permanente e o efêmero.

Segundo o autor, *O Santo e a Porca* não é uma obra original sua, mas sim uma adaptação de Plauto, escritor latino do período antes de Cristo. Na peça *Aulularia*, o protagonista é “Euclião”, que encontra uma panela de ouro deixada por seu avô. Esse ‘achado’ aliado ao casamento de sua filha com um velho rico origina o mote central de um texto ágil cheio de encontros, desencontros e ambiguidades’. Suassuna adaptou o texto de Plauto, mas desenvolveu uma releitura dentro do contexto nordestino da literatura de cordel e criou uma trama mais complicada”.

O Santo e a Porca é um texto escrito para teatro bastante fácil, mas é preciso prestar atenção nas rubricas (indicações entre parênteses). Elas acabam fazendo o papel do narrador e dão o <tom> da cena.

Personagens

As personagens estão intimamente ligadas ao enredo, e vice-versa. Estas são as duas forças principais que regem um texto dramático. São elas:

Euricão – “Engole Cobra”, Eurico Árabe; é o protagonista da peça; é pai de Margarida e irmão de Benona; personagem avarento.

Porca – Oposição do profano frente ao religioso (Sto. Antônio); é o objeto de cobiça; representa a avareza de Euricão, um dos 7 pecados capitais.

Santo Antônio – santo casamenteiro, “achador” e popular; santo de devoção de Euricão; representação do sagrado e da fé.

Margarida – “flor bucólica”; filha de Euricão (a filha é o patrimônio do pai, é noiva de Dodó; personagem que desencadeia dois pólos de interesse: material (Euricão) e sentimental (Eudoro e Dodó).

Benona – alusão à personagem de Plauto, Eunomia do grego EUNOMÍA (ordem bem regulada); é irmã de Euricão, ex-noiva de Eudoro; representa os pudores e os recatos.

Caroba – “árvore grande e forte”; empregada de Euricão; é a personagem que desenvolve toda a rede de intrigas que envolve os casamentos.

Pinhão – “fruto rústico”; empregado de Eudoro; é noivo de Caroba; representa a busca da liberdade.

Eudoro – “EÚDOROS”- composto por “eú” (bom,bem) e de “dôron” (o generoso); pai de Dodó; é ex-noivo de Benona e pretendente de Margarida; representa a burguesia.

Dodó – redução do nome Eudoro (indica a submissão do filho ao pai); é o filho de Eudoro; noivo de Margarida.

Nessa obra, podemos observar a utilização de personagens-tipo, nos quais são ressaltadas determinadas características para criar um ambiente cômico. Dodó é o apaixonado que faz qualquer coisa para ficar com sua amada, Margarida, que age da mesma forma; Euricão é o avarento e, ao mesmo tempo, o religioso, pois ele questiona-se o tempo todo sobre o que seria mais importante para ele – seu dinheiro ou Santo Antônio; Eudoro é o velhaco que quer casar-se para evitar a solidão e que julga que seu dinheiro é suficiente para garantir um bom casamento; Benona é a eterna apaixonada; Caroba é a esperta, a articulista das ações do texto; e Pinhão, com seus ditados populares, é a voz do povo dentro da peça.

Os três atos da peça poderiam ser estruturados da seguinte maneira:

- primeiro ato: apresentação do problema e das personagens;
- segundo ato: complicação da situação, ponto de tensão;
- terceiro ato: desenlace.

O conflito central do enredo é constituído pelas ações da personagem Euricão, que busca alcançar seu objetivo materializado na porca, o que leva a envolver outras personagens na intriga. As três personagens femininas, Benona, Margarida e Caroba, estão diretamente relacionadas ao protagonista, estabelecendo um vínculo de dependência afetiva e financeira. As demais personagens masculinas se envolvem no enredo através destas personagens femininas, ou seja, estão indiretamente relacionadas à personagem central, gerando os conflitos paralelos, ou fricções, que visam um outro objetivo: a realização amorosa pelo casamento.

Enredo

O material que o autor utiliza para inventar sua história denomina-se fábula, que na concepção latina, é uma narrativa de caráter mítico. Aristóteles chama de fábula a reunião das ações, dos acontecimentos que estruturam uma obra. Portanto, a fábula é o enredo, o material narrativo de que se origina o texto dramático.

A imagem de Santo Antônio e da porca de madeira são representativas no enredo. Santo Antônio, além de ser o santo casamenteiro e estar associado aos diversos casamentos que acontecem na obra, está relacionado à procura de objetos perdidos. Quando Euricão perde sua porca, é para Santo Antônio que ele pede ajuda e é atendido. Mas o santo dá uma lição em Euricão por este ter preferido a porca a ele, e faz com que o avarento fique sem dinheiro ao final da peça.

Dentro do enredo, encontra-se a intriga e o conflito central da intriga. A intriga é a seqüência dos acontecimentos. Ao dispor os fatos numa determinada ordem, o autor revela gradativamente suas intenções. O conflito central é aquele em que o(s) protagonista(s) depara(m)-se com um obstáculo, seja ele uma ou mais personagens ou uma força abstrata, como o sistema social ou os valores da consciência. Na peça de Suassuna temos como conflito central:

1. a avareza de Euricão;
2. seu apego demasiado à porca e sua dedicação a ela como substituta da esposa que o abandonou;
3. seu medo de perdê-la;
4. sua devoção a Santo Antônio como protetor de seu lar e de sua porca;
5. colocação da porca no socavão da escada;
6. a retirada da porca do socavão para a sala e para a proteção de Santo Antônio;
7. a retirada da porca de casa, dos cuidados do santo para o cemitério, “onde tudo se perde e não se acha nada”;
8. a colocação da porca no socavão ao lado do túmulo da esposa;
9. o roubo da porca (primeira perda);
10. a devolução da porca; e
11. a grande decepção (segunda e derradeira perda).

Espaço e tempo

Na peça *O Santo e a Porca*, a ação se passa na sala da casa de Euricão, o que pode ser comprovado nas indicações cênicas. Estas indicações devem ser confrontadas com o texto interpretado pelos atores, pois a linguagem está relacionada com a demarcação espacial e ambas se unem pela ação dramática. No texto, a casa do protagonista é vista por ele próprio como o seu território, protegido pelo seu santo de devoção, e como sua fortaleza, onde ele guarda seus dois tesouros: a filha e a porca.

Os espaços utilizados por Suassuna estão relacionados aos de sua fonte inspiradora, a *Aulularia*, de Plauto:

Casa de Euricão / Templo de Santo Antônio = Templo de Bona Fides

Festa de São João = Festa de Ceres

Cemitério = Bosque de Silvano

Hotel de Dadá = Mercado (Fórum)

O tempo intervém na ação de várias formas: estabelecendo uma cronologia que reconstitui o desenrolar dos acontecimentos; fornecendo um tempo próprio para cada personagem; através de marcas temporais que aparecem no texto ou tomando uma dimensão metafórica. O próprio diálogo das personagens

fornece indicações que inscrevem a ação dentro de um tempo real e juntamente com a divisão em atos (separados por intervalos), cenas e quadros (marcados pelas entradas e saídas das personagens) compõem as principais marcações temporais no momento da representação. O tempo da ficção obedece à concepção clássica das unidades e da verossimilhança. A ação se passa num período de 24 horas dividido entre os três atos da peça. O tempo da representação é caracterizado pela continuidade.

Na peça de Ariano Suassuna, o tempo da representação é marcado da seguinte forma:

Primeiro Ato: Tempo da espera por Eudoro (as ações se passam no período da manhã.)

Segundo Ato: Tempo da espera pela entrevista (as ações se passam no período da tarde).

Terceiro Ato: Tempo das entrevistas e das revelações (as ações se passam no período da noite).

Estas marcações ficam muito claras nas falas das personagens. Conclui-se então que, na representação da peça, o fato da “entrevista” é o marcador temporal que a divide em dois grandes momentos:

Antes da entrevista: clima de tensão, espera, expectativa que culminará na reconciliação dos casais Caroba e Pinhão, Margarida e Dodó e Eudoro e Benona.

Depois da entrevista: reencontro de Dodó com seu pai Eudoro, os pedidos de casamento, a descoberta do segredo de Eurício (a porca) e a sua decepção.

Pode-se ver nessa peça um claro caráter moralizante, típico dos textos católicos. O maniqueísmo é marcado pela criação de extremos e representado quando Eurício sente-se obrigado a escolher entre o material (dinheiro) e o espiritual (Santo Antônio).

Resumo

Eudoro Vicente manda uma carta a Eurico dizendo que lhe pedirá o seu bem mais precioso. Na casa do comerciante, moram a filha Margarida, a irmã de Eurico, Benona, a empregada Caroba e, já há algum tempo, Dodó, filho do rico fazendeiro Eudoro. Dodó vive disfarçado, finge-se de torto, deformado e sovina. Assim conquistou Eurico, que lhe atribuiu a função de de guardião da filha, quem Dodó namora às escondidas.

O desenrolar dos fatos se desencadeia com a carta enviada por Pinhão, empregado de Eudoro e noivo de Caroba, empregada de Eurício. Eudoro informa que fará uma visita para pedir esse bem tão precioso a Eurico, que fica apreensivo, pois pensa que lhe pedirá dinheiro emprestado. Eurico insiste em de dizer pobre, repetindo as frases: “Ai a crise, ai a carestia”.

Na sala da casa de Eurico, onde as cenas se desenrolam, há uma estátua de Santo Antônio, de quem Eurico é devoto, e uma antiga porca de madeira, a quem ele dedica especial atenção e que logo o público saberá que esconde maços de dinheiro.

Caroba, muito esperta, percebe que Eudoro pedirá margarida em casamento, é assim que ela entende o bem mais precioso de Eurico que o fazendeiro, pai de Dodó, quer saber. Então ela arma um circo para alcançar alguns objetivos: ganhar algum dinheiro, pois quer casar com Pinhão, casar Dodó e Margarida além de Eudoro e Benona, que já tinham sido noivos há muitos anos. Eudoro, viúvo, queria Margarida, mocinha; Benona, solteirona, queria Eudoro, fazendeiro; Margarida queria Dodó, pois o amava; Caroba e Pinhão se queriam; Eurício queria a porca, ou será que queria a proteção de Santo Antônio para a porca?

Caroba negocia uma comissão com Eurico para ajudá-lo a tirar vinte contos de Eudoro Vicente, antes que este peça dinheiro a Eurico. Acertam-se. Aí Caroba convence Benona que Eudoro virá pedi-la em casamento e se dispõe a ajudá-la. São então tramas de Caroba: fazer Eurico pedir vinte contos a Eudoro para o casamento (na realidade, para um jantar); convencer Benona de que Eudoro viria pedi-la em casamento; fazer Eudoro Vicente manda uma carta a Eurico dizendo que lhe pedirá o seu bem mais precioso.

Na casa do comerciante, moram a filha Margarida, a irmã de Eurico, Benona, a empregada Caroba e, já há algum tempo, Dodó, filho do rico fazendeiro Eudoro. Dodó vive disfarçado, finge-se de torto, deformado e sovina. Assim conquistou Eurico, que lhe atribuiu a função de de guardião da filha, quem Dodó namora às escondidas.

O desenrolar dos fatos se desencadeia com a carta enviada por Pinhão, empregado de Eudoro e noivo de Caroba, empregada de Eurício. Eudoro informa que fará uma visita para pedir esse bem tão precioso a Eurico, que fica apreensivo, pois pensa que lhe pedirá dinheiro emprestado. Eurico acredita que pede Margarida; fazer Eurico crer que Eudoro pede Benona; armar um encontro entre Eudoro e Margarida na penumbra; ficar no lugar de Margarida, com o vestido dela.

Consequências das armações de Caroba: Dodó sente ciúme de Margarida, pois pensa que ela irá encontrar-se com Eudoro; Pinhão sente ciúme de Caroba quando sabe que ela irá em lugar de Margarida; Eurício desconfia que querem roubar sua porca recheada, pois ouve falarem em devorar porca e pensa ser a sua, quando é a do jantar que se encomendou para receber Eudoro; Pinhão desconfia de Eurico e o observa, porque este age estranhamente.

Na hora do encontro entre Margarida e Eudoro, Caroba tranca Margarida no quarto, manda Benona permanecer também no seu e vai, vestida de Margarida, receber Eudoro. Dodó vê Caroba e pensa ver Margarida, pois está com o vestido dela. Para não ter que se explicar, Caroba o empurra e tranca no quarto com Margarida. Caroba então veste roupa de Benona e esta a de Margarida. Caroba então recebe Eudoro vestida de Benona. Ele é enganado: pensa estar conversando com a antiga noiva, que se insinua a ele, na penumbra não percebe que é Caroba. Ela o leva ao quarto de Benona e o tranca com a ex-noiva, por quem agora já está novamente interessado.

Pinhão ao sair do esconderijo onde estivera observando a cena, vê Caroba e pensa ser Benona e tenta seduzí-la. Ela reage e bate em Pinhão e o manda esperar por Caroba, que tira as roupas de Benona e diz que acompanhou toda a cena, bate outra vez em Pinhão, mas na confusão começam a se beijar. Aí destrancam as portas dos quartos de Margarida e Dodó, Benona e Eudoro, e entram em outro.

Dodó e Margarida saem do quarto e pensam ter sido surpreendidos por Eurico, que entra em casa dizendo estar perdido. Na verdade Eurico havia saído para enterrar sua porca recheada dentro do cemitério. A conversa entre Eurico e Dodó é engraçada, pois ambos se enganam: Dodó fala de Margarida, enquanto Eurico fala da porca que desapareceu. Eurico pensa que o rapaz lhe roubou a porca, já que este o traiu. No desespero, Eurico finalmente revela que a porca estava cheia de dinheiro guardado há tantos anos.

Com os gritos da discussão, Pinhão e Caroba saem do quarto. Depois Eudoro e Benona do seu. A cena é divertida: são três casais que de repente estão juntos e felizes ante Eurício lamentando a perda da porca. Graças a Caroba os casais se entendem sem Eurício nem Eudoro perceberem o engano de que foram vítimas. Margarida desconfiou de Pinhão e afirmou que

ele pegara a porca. Eurico lhe salta no pescoço e Pinhão acaba contando, mas exige vinte contos para dizer onde escondeu a porca, os vinte contos que Eurico conseguiu emprestados de Eudoro com a ajuda de Caroba. Com o vale do dinheiro na mão, mostra a porca que estava na casa mesmo.

Então, Eudoro faz Eurico perceber que aquele dinheiro era velho e havia perdido o valor. Eurico se desespera. Tentam dissuadi-lo da importância do dinheiro, mas ele manda todos embora e fica só, com a porca e o Santo, tentando entender o que aconteceu, qual o sentido de tudo que houvera.

PRINCIPAIS CONFLITOS EM O SANTO E A PORCA:

Na peça de Suassuna temos os conflitos ligados às atitudes de Euricão, o que pode ser identificado em algumas passagens da obra:

- A** avareza de Euricão. “Dodó – Isso é um louco! Você não imagina até onde vai a avareza dele. Desde que estou aqui só se comeu à noite uma vez. E ele exige que a gente pague a refeição, porque acha que mais de uma por dia é luxo”.
- B** seu apego demasiado à porca e sua dedicação a ela como substituta da esposa que o abandonou e seu medo de perdê-la. Euricão – “Ladrões, ladrões! Será que me roubaram? É preciso ver, é preciso vigiar! Vivem de olho no meu dinheiro, Santo Antonio! Dinheiro conseguido duramente, dinheiro que juntei com os maiores sacrifícios. Eurico Árabe, Eurico Engole-Cobra! Pois sim! Mas é rico e os que vivem zombando dele não têm a garantia de sua velhice. Ah, está aqui, os ladrões ainda não conseguem furtar nada. Ah! Minha porquinha querida, que seria de mim sem você? Chega dá uma vontade da gente se mijar! Fique aí até outra oportunidade. Se eu pudesse comeria você inteirinha” (...).
- C** sua devoção a Santo Antônio como protetor de seu lar e da sua porca: Euricão – “Agora sim, você, Santo Antônio, deve se contentar agora com minha pobreza e minha devoção. Eu não o esqueci. Não deixe que esses urubus descubram meu dinheiro! Faça isso, meu santo e a banda de jerimum que eu ia dar a Caroba será sua. Menos as sementes, viu? As sementes eu quero para fazer xarope e vender no armazém. Ganha-se pouco, mas sempre é alguma coisa para enfrentar a crise e a carestia!”
- D** a colocação da porca no socavão e a retirada da porca do socavão para a sala e para a proteção de Santo Antônio: Euricão – “Aí, gritaram “Pega ladrão”, quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouvi gritar “Pega o ladrão”. Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la” É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá ou a trago para cá, sob sua proteção? Desde que ela saiu daqui me começaram as ameaças! É melhor trazê-la com a capa, porque alguém pode aparecer. Santo Antônio faça com que não apareça ninguém! Não deixe ninguém entrar aqui. Vou buscar minha porquinha, mas não quero ninguém aqui”.
- E** a retirada da porca de casa, dos cuidados do santo para o cemitério, “onde tudo se perde e não se acha nada” e a colocação da porca no socavão ao lado do túmulo da esposa: Euricão – “ Ah! Agora estou só, Estará escondido? O quarto

está vazio. E aqui? Ninguém. Agora, nós, Santo Antônio! Isso é coisa que se faça? Pensei que podia confiar em sua proteção, mas ela me traiu! Você, que dizem ser o santo mais achador! É isso, Santo Antônio é achador e está ajudando achar minha porca! Eu devia ter me pegado é com um santo perdedor! Agora não deixo mais meu dinheiro aqui de jeito nenhum. O cemitério da igreja! É aqui perto e é lugar seguro. Entre o túmulo de minha mulher e o muro, há um socavão: é lá que guardarei meu tesouro. Prefiro a companhia dos mortos à dos vivos, ali minha porca ficará em segurança. Com medo dos mortos, os vivos não irão lá e os mortos, ah, os mortos, não desejam mais nada, não têm nenhum sonho a realizar, nenhuma desgraça a remediar. Ao cemitério! Escondo a porta no socavão e à noite, quando todos estiverem dormindo, cavo a terra e hei de enterrá-la o mais fundo que puder. E você, Santo Antônio, fique-se aí com sua proteção e seu poder de encontrar. Lá, meu ouro, meu sangue, estará em segurança: o mundo dos mortos é mais tranqüilo e, digam o que disserem os idiotas, lá é o lugar em que se perde tudo e não se acha nada”!

- F** o roubo da porca (primeira perda): Euricão – ‘ Ai, ai! Estou perdido, estou morto, fui assassinado! Para onde correr? Para onde não correr? Pega, pega! Mas pegar a quem? Não vejo nada, estou cego. Não sei mais onde vou, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! Ah, dia infeliz, dia funesto, dia desgraçado! Que fazer agora da vida, tendo perdido aquilo que eu guardava com tanto cuidado? Roubei-me a mim próprio, furtei a minha alma! Agora outros gozam com ela, para meu desgosto e prejuízo? Não, é demais pra mim”! (cai desfalecido, chorando).
- G** a devolução da porca: Pinhão – “um momento, me solte! Vá pra lá! Eu confesso que furtei essa porca, mas o senhor não ganha nada mandando me entregar à polícia. Eu morro e não digo onde ela está! Todo mundo fala em furto, em roubo e só se lembra da porca! Está bem, eu furtei a porca! Sou católico, li o catecismo e sei que isso não se faz! (...) Pois bem, proponho um acordo a todos. Seu Eudoro não emprestou vinte contos a Seu Eurico? Eu entrego a porca por esse vinte contos’. (...) Euricão – Ah! Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai, minha porquinha, que alegria, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beija-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que a encontrei não largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim! Agora é assim, minha porca e eu!
- H** a grande decepção (segunda e derradeira perda): Eudoro – Eurico, o dinheiro não é tudo neste momento. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada, porque... Euricão – Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine! Eudoro – Será melhor dizer mesmo, Eurico? Euricão – Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é? Eudoro – Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão. Euricão – Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade? Eudoro – Juro.